

REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS 13

# *Antero de Quental*



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS  
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1991

EÇA DE QUEIRÓS E O *IN MEMORIAM* DE  
ANTERO DE QUENTAL

Escrever *Um Génio que era um Santo* foi, para Eça de Queirós, e segundo as suas próprias palavras, "quase um acto religioso". Mas a elaboração dessas páginas, que Luís de Magalhães considerou como a melhor coisa do *In Memoriam* de Antero de Quental e das mais belas, mais comovidas e mais tocantes da prosa queirosiana, transformou-se numa autêntica Odisseia cujas peripécias se vão desenrolar, não durante os dez anos que levou a aventura clássica, mas precisamente em cerca de metade o que, em termos "humanos", ultrapassa de longe, os limites da justa medida.

Após a morte de Antero, quando os primeiros momentos de dor e perplexidade deram lugar à saudade, ficou decidido editar um número extra da *Revista de Portugal* em memória do Amigo tão tragicamente desaparecido, que nela publicara aquele que é considerado o seu testamento espiritual: *Tendências Gerais da Filosofia na Segunda Metade do Século XIX*.

Para o número da *Revista* a sair depois desse 11 de Setembro, o 1.º tomo do IV volume, o seu director sugeria "quatro palavras murmuradas pelos colegas da *Revista* em que ele trabalhou. Procurarei fazê-las o melhor que possa".

Mas no final desse ano de 1891 Eça suplicava a Luís de Magalhães e a Oliveira Martins que escrevessem essas poucas palavras já que ele,

---

\* Biblioteca Nacional de Lisboa.

envolvido em negociações de Estado em Londres, não tinha a tranquilidade necessária para escrever uma simples página digna da memória de Antero.

"Perdíamos (muitos de nós um Amigo único, irmão para uns, pai para outros, cujo coração se abria sempre benemérito e amável a todas as confidências dos nossos corações. Perdia a nossa geração um verdadeiro mestre, mestre pela vastidão incomensurável do pensamento e por esse conjunto de dotes e atributos do espírito que os antigos chamavam Sabedoria. Perdia enfim, o nosso tempo, um dos mais raros, dos mais perfeitos, dos mais complexos exemplares humanos – misto de heroísmo e santidade, alma sedenta de justiça e apaixonada pelo Bem, razão atribulada na veemente ambição da verdade, carácter de estóico cuja vida fora um modelo de pureza e de elevação moral".

Estas as palavras de Luís de Magalhães o "director presente" da *Revista* num artigo de três páginas tarjadas de negro que, simultaneamente, anunciava o número extra. "Nele será dito o que não cabe nestas breves linhas, traçadas entre a emoção duma dor ainda recente e com o fim único de registarmos, solenemente, perante o público, o compromisso que acabamos de tomar para com a memória do Mestre".

Em Maio de 1892 a *Revista de Portugal* sofre o derradeiro colapso e não se publicará mais. Mas o compromisso solene irá manter-se, transformando-se o projectado número extra num volume autónomo: o *In Memoriam* de Antero de Quental. Esse livro, cujo período de gestação irá durar cerca de cinco anos, fundamentalmente por "culpa" de Eça de Queirós, esteve quase para ser publicado sem o texto queirosiano, seguramente o seu mais belo ornamento.

Desde o início de 1892 até meados de 1894, quando quase todos os colaboradores convidados a participar haviam enviado os seus ensaios e que já se reviam provas tipográficas, Eça, Guerra Junqueiro e Jaime Batalha Reis ainda não haviam principiado a escrever os artigos prometidos.

Em Julho desse ano, em carta a Luís de Magalhães, Eça desculpava-se da demora: "É verdade que estou muito retardado com esse artigo que tanto desejo escrever: mas outra verdade é que ainda não achei uns dias livres para lhe dedicar, com o cuidado e concentração que o assunto, por ser querido, necessita. Estou gulosamente à espreita desses dias; espero que cheguem agora, brevemente; e creia que os não

### *Eça de Queirós e o "In Memoriam"*

dissiparei mas religiosamente os dedicarei ao que é quase um acto religioso".

Cerca de um mês depois, o artigo está já muito adiantado e Eça pensa mesmo em resumi-lo e assim o comunica a Luís de Magalhães que se interroga, apesar de tudo, sobre as razões que terão originado tão repentina mudança.

Para Joaquim de Araújo, teria sido a morte de Oliveira Martins que motivou os brios de Eça. Da última vez que estivera com o historiador, escrevia o autor da *Lira Íntima*, "ele perguntou-me em definitivo quando o livro saía e pondo ao vivo o caso do Queirós disse-me: é uma vergonha! Se não pode escrever um dissertação (textual) também ninguém lha pede. Escreva 30 linhas. Por causa destes figurões (textual) vou eu ler o livro no outro mundo".

Araújo limitou-se a comunicar a Eça de Queirós esta conversa suprimindo, segundo ele, a palavra "figurões" e acentuando a palavra "vergonha". E a carta terá produzido o efeito desejado.

Mas da promessa de encurtar o artigo e de o enviar, até à sua concretização foi um mundo de contratempos, atrasos e desculpas. Para trás ficaram as reuniões entre Luís de Magalhães, o tipógrafo Costa Carregal e o editor Mathieu Lugan que insistia na conclusão imediata do volume por já não acreditar na pronta remessa do manuscrito de Eça.

Finalmente, em Janeiro de 1895, a primeira parte do *Génio que era um Santo* viaja de Paris com destino à casa de Luís de Magalhães em Moreira da Maia: "ficando a outra aqui em refém, para que o Lugan, em quem me não fio, não fosse, longe da sua directa vigilância, imprimir logo o artigo em folhas sem me mandar provas, provas de granéis, que eu possa transformar à vontade. O que mando é o primeiro e informe jacto, quase apenas um montão de notas e traços, para compôr o artigo. Isso que vai não o reli sequer. Deve haver muito a cortar, alterar, transpôr, polir. Procurarei em todo o caso, por amor da rapidez e conclusão da obra, emendar o menos possível".

Em termos literários, porém, o artigo para o *In Memoriam* não era a única preocupação de Eça de Queirós. Alberto de Oliveira pressionava-o, nesse início de 1895, para que aceitasse ser o director de uma nova revista literária ou provavelmente da segunda ressurreição da *Revista de Portugal*. O editor António Maria Pereira mostrava desejo de editar uma revista que tivesse Eça a dirigi-la e Alberto de Oliveira

a secretariá-la. Eça acabou por aceitar, prometendo trabalhar com todo o interesse e chegou mesmo a escrever a António Maria Pereira apresentando-lhe as bases programáticas que foram aceites.

"Sei bem" escrevia Alberto de Oliveira a Luís de Magalhães, "que é uma aventura trabalhosa esta em que me vou meter, mas se a vencermos temos em Portugal uma revista sólida. O Queirós já me preveniu: olhe que o Luís de Magalhães emagreceu. Não está assente se ficará o título antigo. Tanto o Pereira como o Queirós têm dúvidas. Eu é que muito desejaria que não fosse mudado porque o acho óptimo".

Finalmente, nos últimos dias de Janeiro, Eça remete a última parte do artigo, conformado com a opinião altamente favorável de Luís de Magalhães, o que o leva a prometer que não fará tantas e tão profundas correcções como tencionava. E em 11 de Fevereiro já as primeiras provas eram enviadas para Paris.

Entretanto a ressurreição da *Revista de Portugal* não se verificou. *Cegonha* chegou a ser um dos nomes propostos para a nova revista, mas o que vingou foi *Serão* "nome pacato, familiar e insuspeito", com capa desenhada por Columbano. "O *Serão* pois – é definitivo – o primeiro número sai no dia 15 de Maio" anunciava o esperançado Alberto de Oliveira a Luís de Magalhães, aproveitando para lhe pedir colaboração. A resposta, logo em finais de Abril, não se fez esperar: "Sim mas com outro favor em troca: *arrancar ao Queirós as provas para o livro do Antero*. Seja você tirânico pois que o tem aí à mão. Ameace-o da minha parte com uma campanha de difamação contra o *Serão*, com uma outra revista distribuída grátis, para esmagar essa, enfim, todas as torpezas, vinganças e intrigas que se possam imaginar. Veja isto: o livro está pronto. O artigo do Queirós, que é o que falta imprimir, está pronto. E tudo depende desta mesquinha coisa: uma revisão de provas. Ora vai para 18 meses que a obra está no prelo. E a que está impressa reclama pela demora. E os editores desesperam-se. E eu quase doido com tudo isto. Saque-me pois essas provas ao Queirós, mace-o, sarnize-o, belisque-o. Pelo santo amor de Antero, o Bom Deus lho pagará no céu".

Mas o *Serão*, aparentemente, estava em banho Maria, pelo que as "represálias" anunciadas por Luís de Magalhães, deixavam de representar qualquer valor de troca.

Em Agosto, Eça, que então passava as férias de verão em Sintra, enviava enfim as provas, pedindo que lhas devolvessem depois de

corrigidas pois "como você compreende pela relativa importância das emendas é absolutamente necessário rever umas segundas provas. Questão apenas de pontos e vírgulas – mas essencial. No entanto procuro mandar o resto do artigo sem demora".

Mas não foram só pontos e vírgulas, longe disso. Joaquim de Vasconcelos, que ajudava na revisão das provas, fica em estado de choque ao receber a remessa: "é um horror de emendas, uma completa recomposição como nunca vi!!!".

Luís de Magalhães recorre então aos bons ofícios do Conde de Arnoso, Bernardo Pindela: "Faça-me a caridade de convencer o Queirós a não mexer muito nessa obra prima que é o seu estudo sobre o Antero e a concluir quanto antes com a revisão, a ver se esse malfadado livro acaba por vir para a rua".

Mas Eça emendava muito, emendava bem e nunca procurou ocultá-lo. Nunca se julgou um iluminado, daqueles a quem a inspiração acode ao primeiro chamamento. Pelo contrário, como ele próprio confessou: "cortava, alterava, transpunha, polia". Quem sabe se o conhecimento desta humilde confissão de um escritor de génio não levará outros, não génios, a serem mais comedidos nas suas revelações quanto a métodos de trabalho e visitas do Pentecostes?

Ainda por finais de Outubro Luís de Magalhães voltava a apelar para Alberto de Oliveira: "Venho pedir-lhe um grande favor, o de pela santíssima memória de Antero, se agarrar a ele (Eça) até lhe arrancar as últimas provas do famoso e legendário artigo. Só, absolutamente só por ele se espera. A última coisa que falta é a revisão do Queirós. Ora ele já tem duas ou três provas. Que seja essa a última e ponha o *imprimatur*. Para Dezembro faz dois anos que começou a impressão do livro e quatro que se anunciou! É penoso. Tal espera acaba por me atirar para Rilhafoles".

E uma semana depois, ainda sem ter recebido as almejadas provas, Luís de Magalhães suplicava novamente: "Veja se arranca ao Queirós as últimas provas ... que não se prenda com pequenas nicas de verificar as emendas". Mas não se tratava apenas de verificar as correcções, porque após uma nova leitura surgiram novas alterações e a situação prometia eternizar-se. Por finais de Novembro, o desespero entre a equipa que dirigia a publicação do *In Memoriam* era total. A Alberto de Oliveira que lhe solicitava o artigo "Oliveira Martins nas Áreas Férreas", destinado ao *Serão* cuja publicação voltava a ser dada como

certa, Luís de Magalhães tenta um último recurso: a "chantagem". "Sim senhor. Escrevê-lo-ei com máximo gosto e o mais vivo interesse. Unicamente não pego nele nem lanço uma linha ao papel sem que o Queirós me mande as últimas provas do artigo do Antero. As últimas. Note bem, porque temo que depois das que tem em mão ainda queira rever outras. Se o Queirós não tivesse feito o artigo – eu já há muito teria desistido de o importunar, mas tendo-o feito e sendo, sem dúvida, esse artigo a melhor coisa do livro e das mais belas, mais comovidas e mais tocantes páginas que têm saído da sua pena – custa-me deveras ter de renunciar a ele. Para evitar isto tenho sofrido maçadas, sensaborias, desgostos e aborrecimentos de toda a ordem. E sobre isto vejo vergonhosa e até ridiculamente retardada a homenagem que todos nos devíamos apressar em prestar ao Antero.

Conheço de há muito as delongas habituais que o Queirós põe em todos os seus negócios, sobretudo literários. Mas isto, meu bom amigo, passa todas as marcas... desbanca as proféticas obras de Santa Engrácia. Há 10 meses que o Queirós me mandou o artigo. Há cerca de 8 que tem as provas em seu poder ... e até hoje isto que se vê".

Em 5 de Dezembro, Luís de Magalhães escreve a Alberto de Oliveira, agradecendo-lhe a sua eficaz intercessão: "O meu amigo seria um anjo do céu, um amigo bom, o verdadeiro S. Rafael se tivesse artes de fazer com que o Queirós lhe deixasse nas suas mãos, em revisão definitiva, o resto do artigo".

Logo no dia seguinte, Eça telegrafa pedindo novas provas, com a promessa de que se as não devolvesse na volta do correio, poderia começar a impressão. Desespero lógico de Luís de Magalhães e nova carta de Alberto de Oliveira assegurando que Eça apenas desejava verificar as emendas já feitas e dar o último apuro à pontuação. Mas o mais importante é que o convencera a deixá-lo encarregar-se da última revisão: "Eis o último triunfo de que devemos ufanar-nos e que salva o pobre livro de novo e terrível adiamento. Devo dizer-lhe que a Sra. D. Emília me ajudou delicadamente a arrancar as provas".

Pela observação de parte do manuscrito que se encontra no espólio de Eça de Queirós na Biblioteca Nacional, verifica-se que entre ele e o texto definitivo, as emendas são, ainda assim, de considerar e estão longe de meros "apuros" de pontuação. Apetece perguntar até onde teria ido o perfeccionismo queirosiano se os homens e o tempo não tivessem feito valer as suas leis.

O *In Memoriam* irá ser posto à venda em Junho de 1896 e será, nas palavras de Luís de Magalhães em carta ao seu amigo António Feijó, "a coisa melhor, mais séria, mais importante e mais decente que entre nós se tem feito".

A saga da elaboração do *Génio que era um Santo*, solidamente baseada em documentos escritos, ilustra os métodos de trabalho de Eça de Queirós para quem, tal como para Antero de Quental, escrever "é sempre coisa de esforço".

Mas os cuidados e minúcias que Eça punha em todos os seus trabalhos são, neste ensaio em honra de Antero, levados ao rigor mais excessivo, na sua ânsia de que este "acto quase religioso" se tornasse como que num documento digno de figurar em processo de canonização.

Como não recordar aqui parte do ensaio que em 1877 Antero dedicou à memória do seu mestre Michelet: "(...) o homem que dominava o mundo do pensamento era um homem pessoalmente quase obscuro, vivendo retirado num bairro longínquo da grande capital, sem salão, sem *cotterie* – um humilde, um monge, um santo!"

E Eça, quase vinte anos mais tarde, ao evocar o autor dos *Sonetos*, vem dar razão a Guerra da Cal quando este afirma que Antero precedeu e talvez tenha influenciado Eça de Queirós. "Ali estão, em prosa polémica ou expositiva, a mesma fluidez e o vocabulário espontâneo que nos hão-de atrair em Eça".

– "(...) bem sentíamos que esse homem tão simples (...) vivendo como um pobre voluntário num casebre de vila pobre, sem posição nem fama, sempre ignorado pelo Estado, nunca evocado pelas multidões era o elo rijo, o mais rijo elo de fino oiro que prendia Portugal ao mundo do pensamento (...) era um génio e era um santo".

Não se trata de um panegírico de circunstância em honra de um morto ilustre a quem, posteriormente, se prestam as honras que lhe negaram em vida. Nada disso com Eça de Queirós em relação a Antero de Quental. Basta ler a sua correspondência para nos apercebermos da espécie de adoração que sempre sentiu por esse homem "entre todos excelente" que lhe ensinara a ser um devoto de Proudhon. "Que faz o doce mestre Antero?" "Abraço fraternal a Santo Antero", "Dá a esse admirável santo um grande abraço" são alguns dos inúmeros exemplos em que as cartas queirosianas são férteis. E em 1886, impacientando-se por causa das demoras na publicação dos *Sonetos Completos*, escrevia a Luís de Magalhães: "Diga-me quando há possibilidades de

### *Antero de Quental*

aparecerem os *Sonetos* de Santo Antero. Há almas sôfregas desse alimento espiritual. Que esse Santo filósofo mostre a sua superioridade sobre os santos do calendário aparecendo vivo e brochado aos seus devotos". Esta doce ironia, este doce exagero que procurava esconder e simultaneamente revelar a admiração sem limites que votava ao sonetista Antero, transparece sem metáforas no "Francesismo" das *Últimas Páginas* quando se refere expressamente à gênese da poesia anteriana: "A inteligência e a poesia raramente vão juntas. Eu só conheço um homem, uma exceção, em que o sumo génio poético se alia à suma razão filosófica. É o nosso Antero de Quental. Nos seus *Sonetos*, exprime esta coisa estranha e rara – as dores duma inteligência. É uma grande razão debatendo-se, sofrendo e formulando os gritos do seu sofrimento, as suas crises, a sua agonia filosófica, num ritmo espontâneo da mais sublime beleza poética; cada soneto é o resumo duma agonia filosófica. E é por isso que a Alemanha se lançou sobre esse livro de *Sonetos* (que Portugal não leu) e os traduziu, os comentou, os fixou religiosamente na sua literatura, como uma coisa rara e sem precedentes, um pérola fenomenal de criação desconhecida, única no grande tesouro da Poesia universal".

Entre esta opinião escrita, racionalizada, decerto emendada e alterada sabe Deus quantas vezes, e a pergunta atirada por Eça a Luís de Magalhães nesse excerto da carta de 1886, não se regista a mínima diferença. É a ainda e sempre confessada admiração iniciada naquela distante "noite macia de Abril ou Maio" em Coimbra, quando Eça se sentou aos pés de Antero "a escutá-lo num enlevo como um discípulo e para sempre assim se conservou na vida".